

Cultura: declaração de Delfos

De Parnaso: uma Carta para a defesa da televisão e do cinema europeus



«É preciso agir enquanto é tempo!». Foi desta forma e directamente aos governantes europeus que se dirigiram cerca de cento e cinquenta realizadores, actores, escritores e críticos audiovisuais de vinte países da Europa, reunidos em Delfos, «motivados por um sentimento de urgência».

Os intelectuais europeus voltaram às origens e fizeram a peregrinação de Parnaso na esperança de que talvez Apolo e o seu cortejo de musas venham socorrer a cultura europeia, nascida e mantendo ainda hoje a sua unidade fundamental graças a eles. Uma unidade e um identidade que está cada vez mais em perigo, sobretudo no domínio do sector audiovisual. Reunidos durante três dias no ambiente solene de Delfos, os participantes elaboraram e aprovaram uma carta destinada a organizar juridicamente a defesa e o futuro do sector audiovisual europeu.

A «Declaração de Delfos» é o resultado dos esforços efectuados desde 1980 pela FERA (Federação Europeia dos Realizadores de programas Audiovisuais), que agrupa seis mil realizadores europeus e que é presidida pelo cineasta italiano Ettore Scola. A Declaração foi proclamada no estádio de Delfos na presença do co-

missário europeu responsável pelos problemas da cultura, Carlo Ripa di Meana e do presidente do Ano Europeu do Cinema e da Televisão, Simone Veil.

Os governantes não têm apenas o direito de intervir no sector audiovisual, têm sobretudo o dever. «Em nome do liberalismo — declarou Ettore Scola — eles foram abandonando as suas responsabilidades culturais em proveito de comerciantes cuja primeira preocupação é negar essa responsabilidade». A Carta de Delfos recorda a esses mesmos governantes o seu dever de se oporem a que as pretensões de lucro invadam os espaços culturais e pede-lhes que não permitam às televisões comerciais «o desvio de obras da cultura do seu objectivo para delas fazerem suportes publicitários». Com efeito, as televisões comerciais invertem a lógica do mercado e, em vez de venderem programas aos espectadores, vendem essencialmente (em nome de audiência) espectadores aos publicitários.

O texto aprovado em Delfos reafirma em primeiro lugar o direito do público de escolher livremente e o direito dos criadores de se exprimirem sem restrições. Os espectadores têm sobretudo o direito de conhecerem as obras na sua integralida-

de, «designadamente sem interrupções publicitárias».

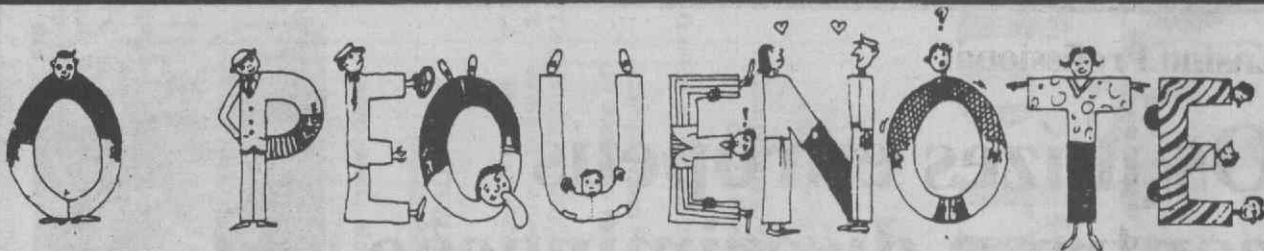
Os catorze artigos da Carta afirmam ainda que o autor tem o direito «de reivindicar a paternidade da sua obra e de se opôr em qualquer altura a todas as modificações por adição, subtração ou qualquer outra alteração» e que «a montagem definitiva da obra audiovisual é efectuada pelo realizador».

Quanto à definição do autor, «apenas a ou as pessoas físicas que criam uma obra cinematográfica ou televisiva — realizadores, actores da obra original ou do cenário — têm direito ao título e aos direitos decorrentes da propriedade exclusiva e oponível a toda a gente». «Qualquer forma de censura directa ou indirecta é abolida» prossegue a declaração, que reafirma igualmente o direito para cada

povo de «aceder às obras cinematográficas e televisivas que refletem as suas características sociais e culturais, entre as quais figura no topo a língua». «Compete, pois, aos poderes públicos salvaguardarem, através de sistemas de apoio financeiro, as identidades culturais e linguísticas. Impõe-se um esforço solidário dos Governos dos vários países para apoiar o desenvolvimento das indústrias de produção cinematográficas e televisivas dos países economicamente mais fracos e em prol de formas de expressão nacionais minoritárias».

«Um verdadeiro grito de alerta», foi do que se tratou na opinião de Carlo Ripa di Meana, que sublinhou a importância do mundo da cultura se ter erguido em defesa do sector audiovisual no momento em que este se tornou um dos principais vectores da cultura mas, ao mesmo tempo, uma enorme indústria. «A Declaração de Delfos representa para a Comissão Europeia e para os governantes nacionais um precioso elemento na base do qual se deverão reflectir as medidas a tomar».





A máquina de escrever computorizada

Era uma vez uma manhã aparentemente igual a todas as outras, em que a Mena se dirigia para o local de trabalho. Fazia um sol sorridente, trespasado por uma agradável brisa de Outono precoce. Como tantas vezes, a Mena tentava encontrar pessoalmente as conhecidas que lhe dessem boleia até ao centro da cidade. Caminhados (já alguns minutos, viu o seu problema de transporte resolvido pela colega de quase todos os dias.

Ensonada, precisava de tomar um café bem forte, no entanto já estava meia-hora atrasada; o melhor seria dirigir-se directamente para o emprego.

O escritório apresentava-se como sempre, calmo, as plantas ainda adormecidas, as flores naturais com algumas pétalas caídas sobre a sua secretária, o quadro com os barcos moliceiros, parecia ter feito uma viagem nocturna com as suas cores em vários tons de azul-escuro, os cestinhos com flores secas, azuis e brancas, ao contrário das restantes transmitiam ao olhar sensações de frescura orvalhada.

Ainda com olhar ensonado, Mena sentou-se à secretária, deparando como que por magia com uma caixa onde se lia em letras destacadas «frágil».

Com cuidado desatou os laços vermelhos da caixa e

principiou a grande descoberta surpresa.

Uma enorme máquina de escrever computadorizada era o conteúdo daquele embrulho talvez esquecido por alguém, quem sabe?

Assim frente a frente, a máquina e a Mena olharam-se desconfiadas e retraídas. Ela pensou que a única forma de avaliar as capacidades da pessoa que a iria utilizar daí por diante seria testar todas as capacidades de adaptação ao seu sofisticado sistema de escrita.

Mena ainda sem saber dos planos da máquina, ligou-a à corrente e leu no mostrador:

— «Introduzir o papel».

Pegou numa folha perfumada a violetas e ofertou-o à máquina que se encontrava agora silenciosa.

— Olá, o meu nome é Mena, e gostava de escrever um pequenino «conto» para os meninos e meninas.

Irónica a máquina respondeu-lhe.

— «Marginação errada...».

Mena suplicou-lhe que a ajudasse, era a primeira vez que lhe percorria o teclado e as suas ideias estavam contentadas na história que inventara.

— «Ih ih ih ih», apitava a máquina, dizendo no mostrador: «Escrita não conhecida na minha memória, volta ao início...».

Desconcertada, Mena respondeu-lhe ligeira, quase a atacando com os seus dedos ligeiros, tal libelinhas sobrevoando os lagos:

— Pensei que seria interessante descrever-te uma história, não te sentirias encantada?

— «Ligue sistema de memória escrita...».

Mena assim fez, e ela indicava que: «Falta primir o botão de (CODE), tentativas infrutíferas de escrita, volte ao início...».

Mena com uma lágrimita no canto dos olhos, coração apertado, sentia já a história que imaginara desvanecer-se na sua mente. Voltou ao início conforme ela lhe ordenara e num desabafo gritou-lhe em letras bem carregadas:

— Se a tua intenção era irritar-me e fazeres com que esquecesse a história que tinha imaginado, já o conseguiste! Contente?

Por todo o escritório soou um ruído parecido com um enxame de abelhas, a máquina zangada, transmitia instruções num ápice, até que por fim parou e deixou por alguns segundos estes dizeres no ecrã.

— «Memória cansada de histórias que não dizem nada... hi hi hi hi; teres nova oportunidade de escrever novo texto com conteúdo... hi hi hi...».

Mena timidamente escreveu-lhe estas palavras:

— Eu só queria ser tua amiga, sabes? É que vou precisar muito da tua colaboração, às vezes invento fantasias, descrevo sonhos e transformo tudo em histórias, queres ser minha companheira?

A máquina com um som diferente respondeu:

— «Todos os programas correctos; continuar selecção de textos; bibibibi... Também quero ser tua amiga; bibibibi...».

Mena com um sorriso embebecido acariciou-lhe o teclado com toda a sua ternura, respondendo-lhe:

— Estou muito contente, prometo-te uma encantadora história no nosso próximo encontro, agora repousa que bem o mereces.

Ela ainda argumentou:

— «:: Fim de programação... desligar circuitos::».

Com um sorriso maroto, Mena retirou a folha perfumada, desligando-a; aconchegou-a com a sua capa cinzenta e apagou todas as luzes do escritório.

Lá fora chovia. Seria um bom pretexto para novas aventuras para mais tarde contar à sua amiga.

Também vocês os pequeninos leitores do «Pequenote», do «Diário de Aveiro», podem aguardar novas aventuras... até lá, sonhos de borboletas para todos.

Noémia Fidalgo

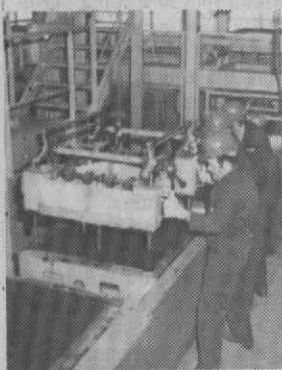
Enseño Profissional

Os juizes europeus
contra a discriminação

— Do Ensino Superior aos estágios no estrangeiro

Os trabalhadores estabelecidos num outro país da Comunidade que não seja o seu têm direito a beneficiar de um tratamento igual ao dos nacionais. Este princípio essencial da Comunidade Europeia é válido para o acesso ao Ensino Superior não universitário e para os estágios de formação profissional, mesmo que neste último caso estes decorram num terceiro país membro. Ao afirmá-lo, em dois acórdãos datados de 27 de Setembro de 1988, o Tribunal de Justiça da Comunidade condenou as medidas nacionais discriminatórias, tomadas no caso presente pela Bélgica.

O primeiro destes casos deu lugar ao famoso «minerval», uma propina excepcional que devem pagar na Bélgica os estudantes que não possuem as nacionalidades belga ou luxemburguesa. As autoridades belgas limitam a 2% do número de estudantes belgas o número de estudantes estrangeiros à



União Económica Belgo-Luxemburguesa cujas despesas escolares são por si suportadas. Os outros estudantes devem pagar um «minerval» de que estão isentos os seus colegas belgas e luxemburgueses e alguns outros em casos muito particulares. Os estabelecimentos do Ensino Superior têm mesmo o direito de recusar a inscrição de estudantes «estrangeiros» quando é atingida aquela percentagem.

Ao declararem este sistema contrário às regras comunitárias, os juizes europeus deram razão à Comunidade Europeia contra o Estado belga, pondo assim fim a uma controvérsia que durava há mais de três anos. O tribunal tinha já autorizado alguns estudantes europeus a não pagarem o «minerval» enquanto se aguardava uma decisão sobre o fundo: estando esta tomada, esses estudantes têm o problema resolvido. Quanto às autoridades belgas, elas terão de deixar de aplicar a quota de

2% aos estudantes da Comunidade, pelo menos no que se refere ao Ensino Superior não universitário, ou seja, o ensino considerado como profissional. Com efeito, no estado actual da sua «Constituição», o Tratado de Roma, e das suas «leis», a Comunidade apenas garante a livre circulação dos trabalhadores.

O tribunal condenou outro género de discriminação ao decidir que um italiano que trabalhe na Bélgica tem o direito de beneficiar de uma bolsa para efectuar um estágio na Alemanha organizado com base num acordo entre estes dois Estados-membros da Comunidade.

As autoridades belgas recusaram o pedido de Annunziata Matteucci, professora de rítmica em Bruxelas, para beneficiar de uma bolsa que lhe permitisse efectuar um estágio da sua especialidade na Escola Superior de Belas Artes de Berlim. O estágio em questão entrava no âmbito de um acordo

cultural concluído entre a Bélgica e a República Federal da Alemanha que reservava as bolsas de estudo aos nacionais desses dois países, facto que pareceu suficiente aos responsáveis belgas para afastar a candidatura de um italiano.

Contudo, os juizes europeus consideraram que Annunziata Matteucci, estabelecida como assalariada na Bélgica e tendo direito as mesmas regalias sociais do que os belgas em virtude das «leis europeias», deveria poder beneficiar de «todas as vantagens relacionadas com a obtenção de uma qualificação profissional e de promoção social».

Para o tribunal, o facto da formação profissional em causa ter lugar noutro país da Comunidade não altera em nada o fundo da questão. Os juizes europeus tinham já considerado noutro litígio que uma ajuda à formação profissional constitui uma vantagem social.

Zavarov: da URSS para Itália

Futebolistas no estrangeiro mas apenas por arrendamento

— frisa dirigente soviético

«Qualquer futebolista ocidental é inteiramente dependente do clube a que está vinculado, podendo mesmo ser vendido a outro clube, mas com os futebolistas soviéticos no estrangeiro essa possibilidade não existe, porque eles são cedidos apenas por arrendamento», frisa o director do Departamento de Futebol e Hóquei do Comité dos Desportos da URSS, e vice-presidente da FIFA, Viatcheslav Koloskov, a propósito da recente transferência de Alexandre Zavarov do Dinamo de Kiev para a Juventus.

- E uma vantagem...
- É.
- E desvantagem, há?

— Também. E de peso. Repare-se: em Itália, os futebolistas da categoria de Zavarov recebem, no mínimo, 150 mil dólares por ano. Ora, talvez tivesse sido possível chegar-se a um acordo segundo o qual, para além do contrato por três anos no valor de cinco milhões de dólares que nos serão pagos pela Juventus, o próprio clube assinaria um outro contrato com o futebolista, a quem pagaria.

— Assim não sendo, quer isso dizer que, como referiu já a imprensa soviética, Zavarov recebe apenas 1.200 dólares mensais, pagos pelo Comité dos Desportos da URSS?

— Claro. Logo, ao longo de três anos, é pelo mesmo trabalho, Zavarov recebe dez vezes menos do que os seus companheiros de clube. E, ainda por cima o Comité vê-se obrigado a gastar divisas estrangeiras para lhe pagar o salário.

— Então, sobre quem recai a culpa?



bolista habita uma casa alugada pelo clube, serve-se gratuitamente de um automóvel e recebe pequenas verbas para despesas correntes. Convenhamos, porém,

— Sobre uma das instruções do Ministério das Finanças da URSS. É que, em função desse documento, o salário em divisas do futebolista deve situar-se algures entre o do homem da limpeza e o do administrador da embaixada. Pelo visto, para o autor daquela instrução ministerial, não importa quem paga. E, de resto, o próprio documento proíbe a um desportista a assinatura de um contrato pessoal com um clube estrangeiro.

«HUMILHANTE»

— Portanto, poder-se-á depreender das suas palavras que a Juventus nada paga, directamente, a Zavarov?

— Bem, dizer que «nada paga» será exagero atendendo a que, enfim, o fute-

remo, o pugilismo ou a vela, e os dois milhões restantes para o Dinamo de Kiev, que em 1989, como se sabe, passará a funcionar em regime de integral autogestão financeira, dispondo-se a gastar a maior parte desse montante na compra de equipamentos diversos para a sua escola desportiva infantil.

— Poder-se-á, de algum modo, deduzir que o aspecto financeiro foi determinante na assinatura do contrato de Zavarov?

— De forma alguma. O aspecto financeiro foi importante, sem dúvida, mas não foi determinante, longe disso. Aliás, bem se sabe que, após o último Campeonato da Europa, vários clubes estrangeiros estavam dispostos a «comprar» quase todos os futebolistas da nossa selecção.

— Clubes de que países?

— De Itália, da Alemanha Federal, de Espanha e, até, da Inglaterra. Contudo, nós não podíamos, naturalmente, deixar de tomar em consideração os interesses próprios do futebol soviético, tendo em conta, já se vê, o que ele representa para os seus inúmeros adeptos. O público soviético hoje em dia, vai aos estádios não só para ver os jogos do Dinamo ou do Spartak como, sobretudo, para apreciar as exhibições de, por exemp., Tcherenkov, Rodionov, Litovchenko, Protassov...

— ... Isso quer dizer que...

— ... Isto quer dizer que, na realidade, só permitimos a ida de futebolistas soviéticos para o estrangeiro a título de excepção.

que essa é uma situação humilhante. Melhor seria, creio, que ele pudesse pagar tudo isso do seu bolso, se, obviamente, recebesse o salário, por inteiro, do próprio clube.

— Já agora, como serão distribuídos, a nível soviético, os cinco milhões de dólares do contrato?

— Olhe, um milhão vai para o orçamento do Estado, dois milhões para o Comité dos Desportos, a fim de contribuirem para o desenvolvimento de outras modalidades desportivas menos «lucrativas, tais como o

A semana da TV

Segunda 24 de Outubro

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — Às Dez
- 12.20 — Telenovela — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — O Império de Carson
- 14.15 — Um Amigo Especial
- 15.00 — Mike Manieri Live
- 16.00 — A Última Fronteira
- 16.30 — Ponto por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piãf», «Hey Bumboo», «Tim Tim» e «Tao Tao».
- 18.15 — Tempos Modernos
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Bolsa Dia-a-Dia
- 20.07 — O Tempo
- 20.10 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
- 20.20 — Telenovela — Passerelle
- 21.10 — Norte e Sul
- 23.00 — A Passagem para o Índico
- 23.30 — 24 Horas
- 24.00 — Remate

RTP-2

- 15.00 — Abertura e Filhos e Filhas
- 15.25 — Agora, Escolha!
- 16.55 — Telenovela — Helena
- 17.35 — Trinta Minutos Com...
- 18.05 — Damon e Debbie
- 19.00 — Music Box Especial
- 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo»
- 20.45 — Cem Grandes Quadros
- 21.00 — Jornal das Nove
- 21.30 — Maude
- 22.00 — Conta Corrente — (Magazine de Economia)
- 22.35 — Teatro Estrangeiro — «Medeia»

Terça 25 de Outubro

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — Às Dez
- 12.20 — Telenovela — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — Dallas
- 14.15 — Histórias Fantásticas de Ray Bradbury
- 15.00 — Maynard Ferguson
- 16.00 — A Última Fronteira
- 16.30 — Ponto por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piãf», «Hey Bumboo», «Tim Tim», «As Aventuras do Pardal», «Nico» e «Livros Jovens»
- 18.15 — Tempos Modernos
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Bolsa Dia-a-Dia
- 20.07 — O Tempo
- 20.10 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
- 20.25 — Telenovela — Passerelle
- 21.10 — Modelo e Detective
- 22.10 — Primeira Página
- 23.10 — Tribunal de Polícia.
- 23.40 — 24 Horas.
- 00.10 — Remate.

RTP 2

- 15.00 — Abertura e Filhos e Filhas
- 15.25 — Elogio à Leitura
- 15.50 — Primeiro Andamento
- 16.25 — Lá em Casa Tudo Bem
- 16.55 — Telenovela — Helena
- 17.35 — Trinta Minutos Com...
- 18.00 — Music Box — «Via Rápida»
- 19.00 — Music Box — «Off The Wall»
- 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo»
- 21.00 — Jornal das Nove
- 21.30 — Maude
- 21.55 — Cinemadois — Vida em Família»

Quarta 26 de Outubro

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — Às Dez
- 12.20 — Telenovela — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — Fama
- 14.15 — Viagem do Mimi
- 15.00 — Art Blakley, The Jazz Life
- 16.00 — Missões de Paz
- 16.30 — Ponto por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piãf», «Hey Bumboo», «Tim Tim» e «Vento nos Salgueiros»
- 18.15 — Tempos Modernos
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Bolsa Dia-a-Dia
- 20.07 — O Tempo
- 20.10 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
- 20.15 — Vamos Jogar no Totobola
- 20.35 — Telenovela — Passerelle
- 21.30 — Lotação Esgotada — Curta Metragem de Desenhos Animados — «Em Defesa da Nação»
- 23.45 — 24 Horas
- 00.15 — Remate

RTP-2

- 15.00 — Abertura Filhos e Filhas
- 15.25 — Agora, Escolha!
- 16.55 — Telenovela — Helena
- 17.30 — Trinta Minutos Com...
- 18.00 — A Rota da Seda
- 19.00 — Music Box — «Hit Machine»
- 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo»
- 20.45 — Cem Grandes Quadros
- 21.00 — Jornal das Nove
- 21.30 — Maude
- 22.00 — Joana

Quinta 27 de Outubro

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — Às Dez
- 12.20 — Telenovela — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — Ilha da Fantasia
- 14.15 — O Regresso do Antilope
- 15.00 — Alice Cooper The Night Mare Returns
- 16.00 — A Última Fronteira
- 16.30 — Ponto por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piãf», «Hey Bumboo», «Tim Tim» e «Os Filhos dos Flintstones».
- 18.15 — Tempos Modernos
- 19.30 — Telejornal

A semana da TV

Sábado 29 de Outubro

RTP-1

- 20.00 — Bolsa dia a dia
- 20.07 — O Tempo
- 20.10 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
- 20.20 — Telenovela — Passerelle
- 21.10 — Os Amores de Napoleão e Josefina
- 22.10 — Charles Aznavour
- 23.05 — 24 Horas
- 23.35 — Remate

RTP-2

- 15.00 — Abertura e Filhos e Filhas
- 15.25 — Joana
- 16.15 — Quem Sai aos Seus...
- 16.55 — Telenovela — Helena
- 17.30 — Trinta Minutos Com...
- 18.00 — A Malta de Bronx
- 19.00 — Music Box — «European Top 40»
- 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo»
- 20.45 — Cem Grandes Quadros
- 21.00 — Jornal das Nove
- 21.30 — Maude
- 22.00 — Hora da Verdade
- 23.00 — Hitchcock Apresenta...

Sexta 28 de Outubro

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Bom Dia
- 10.00 — Às Dez
- 12.20 — Telenovela — Selva de Pedra
- 13.00 — Jornal da Tarde
- 13.30 — A Herança dos Guldemburgs
- 14.15 — Fantasia e Realidade
- 15.00 — Nick Kershaw At The Hammers Odeon
- 16.00 — A Última Fronteira
- 16.30 — Ponto por Ponto
- 17.30 — Brinca Brincando — «Piaf», «Hey Bamboo», «Tim Tim» e «Manni, o Jovem Futebolista»
- 18.15 — Tempos Modernos
- 19.30 — Telejornal
- 20.00 — Bolsa Dia-a-Dia
- 20.07 — O Tempo
- 20.10 — Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
- 20.20 — Telenovela — Passerelle
- 21.05 — Telemundo
- 21.35 — Criada Para Todo o Serviço
- 00.05 — 24 Horas
- 00.35 — Remate
- 00.50 — Pela Noite Dentro — «Crime Passional»

RTP-2

- 15.00 — Abertura e Filhos e Filhas
- 15.25 — Agora, Escolha!
- 16.55 — Telenovela — Helena
- 17.30 — Giramundo
- 18.00 — Equinócio
- 19.00 — Music Box — «Rocking in the UK»
- 19.55 — Clássicos da TV — «O Fugitivo»
- 20.45 — Cem Grandes Quadros
- 21.00 — Jornal das Nove
- 21.30 — O Sétimo Direito
- 22.00 — Gala de Jornalistas de Língua Portuguesa
- 23.00 — Berlim, Praça Alexandre
- 23.55 — Rotações — (Desporto)

- 09.00 — Abertura e Juventude e Família — «Aldeia das Brincadeiras», «A Família Robinson», «Marcarilha», «Roque e Rolle com Ministars», «Desporto e Ciência», «Bonanza»
- 12.00 — Concerto da Campanha Contra a Poliomielite
- 13.00 — Notícias
- 13.10 — Os Espectaculares Recordes Guinness
- 13.35 — Parlamento
- 14.05 — Sessão da Tarde — «O Homem da Máscara de Ferro»
- 15.45 — Vivamúsica
- 16.45 — Miss Marple
- 17.35 — O Romance da Raposa
- 17.50 — Circo Kharkov
- 18.45 — A Branca de Neve
- 19.10 — Sete Folhas
- 19.45 — Totoloto
- 20.00 — Jornal de Sábado
- 21.15 — O Tempo
- 21.30 — A Magia de David Copperfield
- 22.35 — O Assassinio de Mary Phagan
- 23.45 — Cinema da Meia-Noite — «Cidade Viscosa»

RTP-2

- 09.00 — Abertura e Compacto Totally Live
- 12.00 — A Nossa Turma
- 13.05 — Compacto Selva de Pedra
- 16.00 — Estádio
- 20.00 — Music Box — «Power Hour»
- 20.50 — Elogio à Leitura
- 21.15 — Hill Street
- 22.05 — Concordo ou Talvez Não

Domingo 30 de Outubro

RTP-1

- 09.00 — Abertura e Juventude e Família — «A Arca de Noé», «Nils Holgersson», «O Rato e a Moto» e «Uma Pequena Maravilha»
- 11.15 — Eucaristia Dominical
- 12.05 — 70x7
- 12.30 — TV Rural
- 13.00 — Notícias
- 13.10 — Quanta Água Correu Debaixo da Ponte...
- 14.00 — O Primeiro Paraíso
- 15.00 — Primeira Matinée — «A Batalha Trafalgar»
- 17.10 — Clube Amigos Disney
- 19.10 — O Justiceiro
- 20.00 — Jornal de Domingo
- 20.30 — O Tempo
- 20.45 — Mala de Cartão
- 21.50 — Regresso a Casa
- 22.55 — Domingo Desportivo

RTP-2

- 09.00 — Abertura e Music Box — «Chart Attack»
- 10.00 — Troféu
- 13.00 — Caminhos
- 13.30 — Novos Horizontes
- 13.50 — Veterinário de Província
- 15.00 — Troféu
- 17.00 — Ideias & Negócios
- 17.50 — A Bela e o Monstro
- 18.40 — Século XX — «A Situação da Arte»
- 19.35 — Primeiro Andamento — «Sonatas de Beethoven por Sequeira Costa»
- 20.05 — Quem Sai aos Seus...
- 20.30 — Artes & Letras — «Documento Pasolini»
- 22.25 — Cineclube — «Pocilga»
- 00.10 — Magazine Cinema
- 00.35 — Música n'América

Artes Marciais (4)

KARATÉ E SEUS ESTILOS

Na semana passada falámos de Gichin Funakochi, o pai do karaté no Japão, do seu papel na codificação e incremento desta arte marcial no país do sol nascente e da formação da escola e do estilo Shotokan. Procurámos dar uma ideia do que caracteriza este estilo quanto à sua filosofia, lema, técnicas de treino e graduações.

Importa, a nosso ver, referir outros estilos, pelo menos os mais representativos, não esquecendo as suas origens, filosofias e técnicas próprias.

A GUERRA E O KARATÉ

Durante a II Guerra Mundial, morreram nos campos de batalha muitos milhares de praticantes de karaté e desapareceram alguns dos seus mais notáveis instrutores. Alguns deles contavam-se entre os famosos aviadores kamikazes e outros preferiram a morte à derrota.

O tempo do pós-guerra foi marcado pelo desaparecimento dos grandes mestres — Funakochi morreu nessa



época, com 88 anos — pela separação dos seus discípulos e surgimento de novos estilos.

KIOKUSHINKAI E O OYAMA

Um dos estilos mais conhecidos e espectaculares é o «kiokushinkai», do mestre Masutatsu Oyama.

Oyama é conhecido pelas suas proezas, em particular nos testes de quebra (Swi-wari). Numa das suas muitas exibições derrubou um Touro de 600 kg com um só golpe. A sua potência, força e agilidade são famosas em todo o mundo.

O Kiokushinkai, menos conhecido Europa, alcançou grande popularidade na

América do Norte, onde Oyama se deslocou para uma tournée.

Uma das particularidades deste estilo é a sua posição de combate, definida a partir do «Neko-Ashi-Dachi». Os Katas (combinações ou encaadeamentos de técnicas, que representam situações de combate de defesa e contra-ataque) são mais complicados do que os do «Shotokan» mas menos conhecidos na Europa. Seienchin, Garyu e Osurhiho são alguns dos Katas usados no treino do Kiokushinkai.



GOJU RYU E O MESTRE YAMAGUCHI

O Goju-Ryu é um dos géneros mais representativos do karaté japonês, e tem origem na técnica ministrada pelo mestre «Higaona», responsável pela divulgação do karaté no Japão.

Higaona ensinava um sistema de combate desarmado, definida por «Okinawa-te». O seu estilo baseava-se nas blocagens estáticas e nos contra-ataques em contracção máxima. Os movimentos eram assim de pequena amplitude, com deslocamentos curtos, mas de grande poder e eficácia.

«A força opõe a souplesse, à souplesse opõe a força», é o lema do Goju-Ryu, cujo grande mestre é, sem dúvida, o 10.º Dan Gogen Yamaguchi. Este karateca, que atingiu o grau mais alto do karaté actual, dirigia até há pouco tempo a Associação Goju-Kai, no Japão, com mais de 6000 alunos.

Alguns dos katas que definem este estilo são os Sanchin, Sanseru, Surapumpe e Tensho. Outra das características do Goju-Ryu é a importância que a respiração assume na execução dos katas. Os movimentos são acompanhados de uma respiração ventral sonora.

